

FÁBIO
VENTURA



O SONO DOS
CULPADOS



Na cave

Monstro.

Foi essa a palavra que vi quando abri os olhos, sete letras gravadas na parede de madeira, como uma acusação. Olhei para as minhas mãos, cobertas de arranhões que ardiam como ácido. Teria sido eu a gravar aquela palavra?

Não me lembrava de nada, de quem era ou de como tinha ido ali parar. Uma forte pontada na cabeça obrigou-me a fechar os olhos.

Em pânico, libertei-me dos lençóis encharcados de suor e sentei-me, os pés a tocar no chão gelado e a cabeça a latejar. Enfiei os dedos pelos cabelos molhados numa tentativa vã de recordar algo sobre mim. A minha mente era como uma sala trancada, e eu estava do lado de fora.

Levantei-me e, apesar da fraca iluminação, pude distinguir a silhueta de umas escadas que terminavam numa porta fechada. Corri até lá, mas estava trancada. Não havia fechadura ou maçaneta. Gritei, esmurrei e pontapeei a porta como um louco, mas só serviu para me magoar. Do outro lado, apenas um nada que me angustiou ainda mais.

Deixei-me cair de joelhos, atordoado pelo acesso de fúria num corpo demasiado fraco para atitudes irrefletidas. Assim que o fiz, acenderam-se mais luzes. Estava num espaço revestido com paredes e teto de madeira escura. Parecia uma cave. Ou um bunker. Havia a cama onde tinha despertado, um armário, uma kitchenette minúscula, uma mesa e uma cadeira. Deambulando pelo local que me era estranho, mas ao mesmo tempo tão familiar, descobri ainda duas pequenas divisões: uma despensa repleta

de caixas e enlatados, e uma casa de banho. Abri a torneira, molhei a cara e provei a água. Bebi sofregamente.

Quando saí, acendeu-se uma lâmpada na parede oposta à cama, desvendando um novo elemento: uma secretária e um computador, o qual exibia uma página em branco e um cursor que piscava como marteladas na minha cabeça. Mas o que me aterrou mais foi o frasco a seu lado, cheio de comprimidos brancos e com uma etiqueta que fez o meu sangue gelar.

Toma um e escreve a história.

PARTE 1
O SONO

1

Você não devia estar aqui.

Tadeu sentiu uma pinga de suor escorrer pelo rosto. Não era apenas devido ao súbito calor daquele início de junho, mas também pelo que estava prestes a fazer. Ali, à sombra de uma árvore e encostado a um muro alto, era como um fantasma perante as dezenas de pessoas apressadas pelo pátio. Havia todo um arsenal de câmaras, luzes e cabos que convergia na berma da piscina, onde *ela* se sentava com os pés na água.

Mesmo com toda aquela azáfama, Tadeu só tinha olhos para ela. Há muito que tinha decorado os traços do seu rosto, as formas do seu corpo, os seus gestos graciosos ao encarnar uma personagem. Tão indolente, de todas as vezes que a observava das sombras.

Hoje ia ser diferente. Depois de rondar o hotel, aproveitou um momento de distração de um dos seguranças, o qual abandonou uma das entradas que davam acesso ao jardim. Localizado na serra e rodeado por árvores altas, o imponente Hotel Royal Enigma fora outrora um palácio de estilo neogótico abandonado durante anos. Agora recuperado e bastante popular entre turistas abastados e pessoas influentes, tinha sido escolhido como cenário do filme *Eco do Medo*. Quando leu a notícia, nem quis acreditar que ela ia estar tão perto de si. Tanto tempo a resistir aos seus impulsos e o destino voltava a seduzi-lo.

Tadeu observou-a atentamente enquanto ela atuava para as câmaras. O tempo parava e as atenções estavam concentradas nela, que depois voltava a encarnar outra personagem assim que

a cena terminava. Aquele sorriso e sacudir de cabelo enquanto falava com técnicos e operadores de imagem deixavam-no louco... Apertou o punho esquerdo dentro do bolso do casaco.

Tinha de ter coragem para avançar no momento certo. Fantasiava com isso há demasiadas noites, as últimas deitado no banco de trás do carro, estacionado perto de uma casa devoluta nos arredores do hotel.

Queria livrar-se de toda aquela negra obsessão.

Era hoje. Tinha de ser hoje.

Esperou que um novo take terminasse e que todas as pessoas comessem a dispersar. Ela cobriu o corpo com um roupão e dirigiu-se para uma das caravanas encostadas ao muro, depois de falar com um homem alto que parecia ser o realizador. Estava sozinha. Era a sua oportunidade. Tadeu emergiu das sombras e caminhou na sua direção. Perto, cada vez mais perto dela. O seu coração acelerou e a adrenalina como que lhe queimava as entranhas. Começou a tirar a mão do bolso e...

— Você não devia estar aqui — disse uma voz juvenil que o fez estacar mesmo antes de entrar na caravana.

Assustou-se quando viu atrás de si dois miúdos completamente ensanguentados, até perceber que faziam parte do filme. Deviam ter 11 ou 12 anos. Os seus olhos amendoados, cabelo castanho e feições eram idênticos. Gémeos. Um deles, com ar mais frágil, ficou atrás, enquanto o irmão olhava para Tadeu de sobrolho franzido, como se conseguisse ver através da farsa.

— Não faz parte do filme nem do hotel! — acusou o gémeo mais determinado.

— Como assim, miúdo? Não me conheces, tenho autorização para estar aqui — mentiu.

— Há horas que está escondido a ver tudo.

— Que tens que ver com isso? Conheces todas as pessoas que estão aqui?

— É um intruso.

Tadeu sentiu-se desmascarado. Talvez tivesse sido descuidado ao surgir ali como um sem-abrigo — barba e cabelo ondulado desalinhado, T-shirt velha, casaco de ganga carcomido e jeans rotos. Até os mais descontraídos da equipa de filmagens pareciam príncipes ao pé de si.

Ficou com vontade de desistir e desaparecer, até porque crianças o deixavam desconfortável. Não podia deixar que ela o visse agora ou já não saberia como agir.

— Dante, deixa-o — advertiu o irmão mais medroso.

— Estou a fazer como a mãe ensinou, Ângelo.

Tadeu ficou irritado. Que raio de merda o tinha colocado naquela situação, confrontado por dois putos metedidos. A ideia era entrar ali, fazer o que tinha a fazer e pronto. Nem sequer estava a pensar nas consequências. O rosto de Dante ficou ainda mais sério ao notar a mão do homem dentro do bolso do casaco. Tadeu notou a forma lenta e desconfiada como ambos começaram a recuar e a olhar de soslaio para algum segurança ou técnico que passasse por ali. A visão de Tadeu ficou turva com um ódio crescente, não só deles, mas de pessoas como eles. Privilegiadas. Sortudas.

Alertada pela comoção à porta da caravana, ela acabou por sair. Ficou lívida ao reconhecê-lo. Foi como se tudo à sua volta ganhasse um tom e temperatura infernais.

As cigarras pararam de ciciar e um imenso bando de pássaros escuros levantou voo da vegetação ao redor do hotel, despertando a atenção de todos. De repente, Tadeu ouviu um incompreensível sussurro e depois um silvo que lhe arrepiou os pelos da nuca. O ruído aumentou de intensidade e rapidez até se tornar num barulho ensurdecador que parecia vir do cimo da montanha mais alta. Era como *gritos* muito altos e agudos, como se quisessem arrancar-lhe o cérebro do crânio. Tadeu fechou os olhos com força e protegeu os ouvidos, deixando-se cair de joelhos na relva. A agonia durou vários segundos até parar de súbito.

Achou que tinha ficado surdo, tal era o silêncio que se instalou. Mas depois ouviu os pássaros ao longe e o movimento da água da piscina. Abriu os olhos a medo e viu que todas as pessoas à sua volta estavam caídas. Todas exceto ele e os gémeos, agachados e abraçados, levantando-se agora, igualmente atordoados.

Por breves e estúpidos instantes, achou que tinha sido ele a causar aquilo e que o seu descontrolo o impedira de se lembrar disso. Mas era impossível. Aquele som era bizarro e violento, algo que nunca tinha ouvido. Algo primitivo e maior do que todos eles.

Agachou-se junto de um homem caído para verificar como estava, abanando-o e dando-lhe chapadas no rosto. Tinha pulso, não estava morto, mas não acordava. Tirou o telemóvel do bolso e ligou para o 112. A chamada não se conectou. Ligou pelo menos cinco vezes até desistir. Tentou ligar-se à Internet, mas não havia qualquer sinal de rede.

Os gémeos deambulavam pelo jardim em busca de alguém acordado, mas ninguém se mexia naquele cenário perturbador. Tadeu olhou para o hotel em busca de um sinal de vida, mas havia apenas uma quietude quase sobrenatural. Virou-se para ela, agora estendida nas escadas da caravana. Até perceber o que se estava a passar, decidiu não fazer nada.

Percorreu o jardim coberto de pessoas caídas e equipamento espalhado, e sentiu que estava num filme de terror talvez pior do que aquele que estavam a gravar. Olhou para a orla da mata, mas não viu ou ouviu o que fosse de estranho. O impressionante edifício mantinha-se quieto, como se estivesse também adormecido. Tadeu analisou as torres de telhados pontiagudos e as janelas altas e ornamentadas em busca de um qualquer sinal de vida. Teve a impressão de ver um vulto passar numa das janelas do último andar, mas podia ser uma partida da sua mente.

Ângelo, o gêmeo mais acanhado, colocou-se ao seu lado para observar o cenário sinistro. Virou-se para Tadeu como se pudesse ter a resposta para o que se estava a passar ou até uma palavra de segurança e conforto, como um adulto deveria fazer.

Não teve tempo de sequer abrir a boca, pois os gritos regressaram, descendo pela montanha, agora ainda mais fortes. Sentindo todo o seu corpo pulsar, Tadeu viu a porta principal do edifício aberta. Talvez conseguissem proteger-se lá dentro. Agarrou no pulso de Ângelo, praticamente arrastando-o até lá. Do outro lado da piscina, Dante também começou a correr. Certificando-se de que os gêmeos estavam dentro do edifício, Tadeu regressou à caravana. Destapou os ouvidos e, sentindo a cabeça quase a explodir, pegou nela. Correu o mais rápido que pôde, os gritos incessantes a sugarem toda a sua energia e sanidade. Assim que entrou no hotel, deixou-a cair no chão e sentiu as pernas ceder, embatendo com a cabeça numa mesa.

O barulho cessou. Com o olhar enevoado, procurou pelos gêmeos, mas apenas viu um mar de pessoas caídas. Tonto e exausto, não resistiu às mazelas deixadas pelos gritos. Antes de cair na inconsciência, viu alguém, uma sombra em contraluz, a fechar as portas do hotel. Quando finalmente desmaiou, percebeu que o sussurro que antecipara o terrível barulho ainda perdurava nos seus ouvidos, mas continuava sem compreender o que dizia.

*

Tadeu não abriu os olhos quando acordou. Era um hábito que tinha ganhado nos últimos anos, uma forma de autodefesa que permitia analisar o ambiente e agir em caso de necessidade. A sua cabeça estava mais leve, o que era um alívio depois daqueles dois incidentes, mas ainda lhe estalavam os ouvidos e sentia dor e até sangue seco na testa.

Distinguiu algumas vozes que ecoavam naquele espaço. Pelo menos dois homens e uma mulher. Sem se mexer, abriu um pouco do olho direito para perceber onde e com quem estava. Alguém o tinha colocado numa das poltronas em frente à receção. Ou pelo menos o que parecia ser a receção, já que havia equipamento de imagem e som e caixas de metal espalhadas por todo o lado. Ela estava deitada num sofá, ainda inconsciente, e os gémeos sentados no chão a observar o grupo de pessoas junto das portas fechadas.

O homem mais arrogante era alto e encorpado, de cabelo despenteado, todo vestido de preto. Conseguia ver o seu olhar gélido mesmo à fraca luz do salão. Com ele estavam um homem sisudo de óculos e barba grande, e uma rapariga de cabelo loiro muito comprido e ondulado.

O homem mais alto estava a tentar forçar a porta com a ajuda dos outros dois. Sem aviso, os gritos voltaram, o que os obrigou a recuar para o interior do salão, protegendo os ouvidos. A jovem mulher escondeu-se atrás do balcão da receção, o seu grito de terror quase tão alto como os lá de fora. Tadeu foi obrigado a revelar que estava acordado ao ver-se forçado a proteger-se também. Os gritos acabaram por se desvanecer, deixando um clima de pânico a contaminar o espaço.

Tadeu levantou-se devagar. Os gémeos seguiram todos os seus gestos como pequenos animais desconfiados. O seu olhar encontrou o de uma mulher de rabo de cavalo, olhos grandes e mortícios contornados a negro, sentada de braços cruzados nos degraus da grande escadaria de pedra que dava para os andares superiores. Tinha uns grandes auscultadores, que colocava agora no pescoço. Aos seus pés, havia pelo menos dez pessoas desmaiadas, algumas com a farda do hotel. Reparou também na grande claraboia ornamentada bem no alto do salão, a única fonte de iluminação, e nos inúmeros retratos nas paredes que pareciam zombar deles.

Tadeu tocou no bolso do casaco e percebeu que estava vazio. Tentou disfarçar o quão preocupante isso era, especialmente estando ali preso. Qual daquelas pessoas o tinha revistado e roubado?

— Esta merda é mais perigosa do que eu pensava — disse o homem alto, recuando ainda mais. — Talvez não seja boa ideia irmos lá para fora.

— O que raio se está a passar? — perguntou Tadeu de forma cortante.

— Boa, mais um acordado! Achei que ias ficar adormecido como os outros — disse o homem musculado, caminhando na sua direção com uma familiaridade desagradável.

— Ainda não sabemos — respondeu a jovem loira, esfregando os braços nus como se estivesse gelada. Não a tinha visto lá fora, mas, pela maquilhagem e vestuário exuberante, deveria ser uma das atrizes. — Estamos a tentar perceber o que se passa. Não há eletricidade, Internet, rede móvel ou telefones.

— Só pode ser um ataque terrorista — opinou o homem grande. — Algo muito sofisticado para neutralizar várias pessoas e acabar com a energia e as comunicações. Nunca vi uma coisa assim, um desmaio em massa.

— O barulho é tão bizarro. Parece que me vai destruir o cérebro — continuou a rapariga.

— Parecem gritos — sugeriu Tadeu.

— «Gritos»? Sim, agora que dizes isso, parece uma multidão num concerto ou estádio ou assim, mas muito mais forte e arrepiante, como num filme de terror. Só que isto é bem real.

— O que quer que seja, é forte o suficiente para nos afetar a todos. E parece que não vai parar por enquanto.

— Todos vocês desmaiaram? — perguntou Tadeu.

— Sim, mas acordámos praticamente ao mesmo tempo há pouco mais de uma hora. Todos exceto tu, que só despertaste agora.

O homem de barba ainda não tinha falado e olhava para Tadeu de forma incisiva. Era o mesmo tipo de olhar que tinha sentido dos gémeos lá fora.

— Tentámos de tudo para acordar os outros — explicou a loira. — Pode ser que seja apenas uma questão de tempo. Espero que as autoridades venham rápido.

— Isso não vai acontecer enquanto continuarmos sem comunicações e fechados cá dentro — explanou o homem grande, parecendo agora satisfeito com isso.

— Fechados?

— Sim, testámos as portas e janelas deste piso, e estão todas trancadas ou bloqueadas. São eletrónicas, ao que parece.

— Devem existir chaves suplentes algures.

— Até agora, não encontramos nada para além das chaves dos quartos. Desapareceu tudo.

— Quer dizer que isto pode ser tudo intencional.

— Intencional? — perguntou a jovem sem conseguir esconder o choque. — Como se alguém nos quisesse fazer mal? Mas porquê?

— É cedo para suposições — explicou o homem de barba num tom apaziguador, falando pela primeira vez. O suor excessivo na testa desmascarava o pavor que sentia, como todos os outros.

Aquelas palavras fizeram com que Tadeu se sentisse encurralado. Nem era suposto estar ali com aqueles desconhecidos. Sentiu que tinha entrado numa história que não era a sua. Isso fez com que se lembrasse que alguém tinha fechado as portas principais antes de desmaiar, talvez a mesma pessoa que lhe esvaziara o bolso do casaco. Seria uma daquelas pessoas?

— Há mais alguém acordado ou somos só nós? — perguntou Tadeu, dirigindo-se para o meio de salão, onde estavam as pessoas deitadas. A mulher calada sentada nas escadas seguia-o com um olhar pouco amigável. Aos poucos, todas

aquelas pessoas começavam a assemelhar-se a predadores na mesma jaula.

— Ainda não tivemos oportunidade de verificar os andares de cima, apenas o rés do chão. Talvez seja boa ideia dividirmo-nos e verificar os quartos. Ao menos, o facto de estarmos aqui trancados vai proteger-nos do barulho, caso regresse.

O homem de barba ficou tenso quando o outro disse aquilo. Certamente estava a sentir o mesmo tipo de desconfiança que Tadeu. Ainda agora se viam ali confinados e já agia como um líder?

— Bem, não sei em relação a vocês, mas estou a um pequeno passo de ter um ataque de pânico — revelou a rapariga. — Talvez ajudasse se nos apresentássemos. Só cheguei hoje, não conheço nenhum de vocês. Quer dizer, pelo menos pessoalmente. Sou a Antoinette. Talvez me reconheçam, sou criadora de conteúdos e, mais recentemente, atriz.

— Ah, a influencer enviada pela produtora — desdenhou o homem grande. — Ainda não tinha tido oportunidade de falar contigo. Sou o Valentim, o realizador do *Eco do Medo*.

— Jonas. Sou o guionista. O Dante e o Ângelo fazem parte do elenco também — apontou o homem de barba algo hesitante. Os gémeos nem reagiram. Tadeu reparou que, entretanto, já tinham lavado a maior parte do sangue falso da pele.

— Serena — disse a mulher das escadas. — Técnica de som.

De repente, todos os rostos se viraram para Tadeu para se apresentar. Ponderou inventar um nome qualquer, mas o seu instinto dizia que o melhor era ser honesto se queria ganhar a confiança daquelas pessoas.

— Tadeu. Estava apenas de passagem para fazer uma entrega ao staff do hotel.

— Entrega de quê?

— Documentação — inventou.

— Realmente, não me lembro de te ver por aqui antes — disse Valentim num misto de simpatia e acusação.

— Parece que todos vocês também só se conheceram hoje, por isso, não deve ser assim tão estranho.

— Tens razão. Hoje era apenas o segundo dia de filmagens. É difícil conhecer toda a gente envolvida na produção. Além do mais, fui contratado apenas para realizar o filme — explicou com desagrado.

Era suspeito que as únicas pessoas que estavam acordadas naquela confusão fossem praticamente desconhecidas. Ou talvez conveniente.

— Não sei dos produtores nem da tutora dos miúdos. Devem ter ficado lá fora. Ao menos, a nossa estrela ficou aqui connosco — disse Valentim, apontando para ela. — Julguei que a Alana estivesse na caravana.

Tadeu estremeceu quando ouviu aquele nome. Dante e Ângelo olharam ao mesmo tempo para ele, curiosos com a sua reação depois da hostil interação antes dos ataques. Ficou com receio que os miúdos contassem alguma coisa aos outros, mas não o fizeram.

Você não devia estar aqui.

— Quer dizer que nenhum de nós se conhece realmente? — insistiu Tadeu para desviar a atenção dela.

— Tive algumas reuniões com o Jonas. Os miúdos e a técnica, conheci-os esta manhã — admitiu Valentim.

— Porque é que acham que fomos os únicos a acordar até agora? — perguntou Antoinette.

— Sorte? Disposição física ou mental? — respondeu Serena secamente numa voz rouca.

Gerou-se um momento constrangedor, durante o qual todos sentiram que havia todo um mundo de coisas que não queriam falar ou revelar naquele momento de crise. Ainda que, tirando Tadeu, os outros estivessem a trabalhar juntos, não passavam de sete estranhos presos num hotel no meio de uma serra.

O silêncio no salão, assim como o que assolava o exterior do hotel, tornou-se mais assustador do que os próprios gritos. Havia um sentimento de isolamento e impotência que tentavam disfarçar, mas a verdade é que estavam todos com medo.

Tadeu voltou a olhar para ela. Estaria a ouvir a conversa mesmo estando inconsciente? Teria ouvido o seu nome e estremecido, mesmo no fundo da sua mente? Esperava que sim. Tudo o que queria era que acordasse.

A confiança é inimiga da sobrevivência.

Os acordados dividiram-se pelos três andares, caminhando pelos compridos corredores de carpetes azuis e papel de parede com enjoativos motivos florais e portas ornamentadas de dourado. Metade do hotel estava reservada para a gravação do filme, com a outra metade ocupada para alojar a equipa técnica e atores. Levando todas as chaves da receção, entraram em cada um dos quartos para verificar portas e janelas, e procurar por mais pessoas, acordadas ou inconscientes, a precisar de ajuda. Havia algo de mórbido nisso, como se todos já estivessem mortos, pensou Tadeu.

Reparou no luxo do local, não só pela decoração vintage, mas também pelas malas abertas a transbordar de roupas e gadgets de última geração. Sentiu um misto de inveja e repúdio pelo que representava toda aquela ostentação, vinda de pessoas que trabalhavam na indústria cinematográfica. Toda a sua vida trabalhara como funcionário público. Imaginou como seria participar num projeto dinâmico como um filme. Talvez tivesse dado origem a outro Tadeu, um que não tivesse uma vida tão merdosa como a sua.

Serena acompanhava-o. Era uma mulher calada e séria, o que era um alívio, pois também ele o costumava ser. No entanto, isso fazia com que se sentisse constantemente analisado, mesmo nas alturas em que levantavam alguém do chão para colocar em cima de uma cama, numa posição mais confortável. Cada gesto, cada som, cada olhar, sentia que tudo era examinado. Mas Tadeu

era igualmente observador, algo que tinha treinado nos últimos anos. Graças a isso, reparou numa pequena tatuagem desvanecida por trás da orelha dela, uma espiral dentro de um círculo.

— Já estiveste alojado num sítio destes? Ouve-se tanto através das paredes: amor, ódio, ciúme, ressentimento. Odeio locais assim — confessou ela ao fim de meia hora a perscrutar aquele andar.

— Hotéis finos não são propriamente para a minha carteira.

— Também não são para a minha. Mesmo que fossem, dispenso este tipo de sítio.

Tadeu sentiu o aroma que Serena emanava, uma mistura de cabedal, cigarros e pastilhas de mentol. Lembrou-se dos seus tempos de escola, das colegas mais velhas com ar rebelde que tanto o fascinavam.

— Temos de fazer alguma coisa em relação às pessoas lá fora. Não sabemos quanto tempo isto vai durar e, entretanto, estão desmaiados ao sol e ao calor.

Estava tão focado em toda a situação que Tadeu nem tinha pensado nesse lado tão prático. Isso levava a outra questão mais grave: durante quanto tempo iriam aquelas pessoas sobreviver sem cuidados médicos se continuassem inconscientes?

— Temos de pedir autorização ao *líder supremo*, se queremos sair.

Serena foi apanhada de surpresa pelo sarcasmo. Tadeu viu o esboço de um sorriso, o qual foi rapidamente substituído pela urgência com que o empurrou para um dos quartos que iam investigar.

— Também reparaste? A forma como começou logo a querer liderar? Tudo bem que é o realizador, e já tinha ouvido falar do seu feitio, mas não pensei que fosse tão dominante.

— Não está propriamente a disfarçar. É normal em situações de crise surgir uma personalidade mais controladora. E, verdade seja dita, a maior parte das pessoas sente-se mais segura assim.

— Tu não?

— Não confio em nenhum de vocês, para ser honesto. Nem sequer nos miúdos. Não vos conheço.

— É uma situação urgente. Se não confiarmos uns nos outros, as coisas podem piorar. Tudo pode correr mal por mil e um motivos.

— A confiança é inimiga da sobrevivência.

— Quer dizer que não devo confiar em ti?

— Cada um sabe de si. Só estou a dizer que não é por estarmos acordados que faz de nós pessoas mais confiáveis. Antes pelo contrário.

— Talvez tenhas razão — respondeu numa voz vaga, desviando um olhar pensativo para o chão como se tivesse tomado uma qualquer decisão.

— Ouve, só estou a dizer que é uma situação bizarra, seja qual for a sua causa. Até pode ser que se resolva com rapidez e que as autoridades cheguem em breve. Se calhar, ainda descobrimos que teve uma explicação parva. Mas não me parece que fiquemos amigos, em qualquer um dos casos.

— Não queiras ser amigo ou inimigo de alguém como o Valentim.

— Afinal, conhecem-se?

Serena hesitou em responder. Tadeu viu no seu rosto que se estava a debater sobre se deveria contar mais. Era óbvio que sabia algo sobre o realizador ou, então, havia algo entre os dois. Isso significava que ambos estavam a mentir.

— Não precisas de explicar. Não sou um exemplo, quando nem sequer faço parte da equipa ou do staff do hotel. Sou apenas um estafeta.

— Realmente, foi um timing péssimo teres aparecido aqui quando isto aconteceu. Ou talvez tenha sido o timing perfeito...

— Tão perfeito como o historial que tens com o realizador, pelos vistos.

Acabaram por dar por concluída a investigação daquele piso. Apenas três pessoas encontradas, mas adormecidas: uma assistente de produção caída no corredor, um operador de imagem no chão da casa de banho enquanto urinava e uma camareira aos pés de uma cama, perdida num monte de lençóis sujos.

Antes de descerem para ver o progresso dos outros, verificaram alguns telemóveis, computadores, televisões e telefones. Nada de sinal. A crise não envolvia apenas pessoas, mas comunicações também. Podia existir uma explicação fácil para tudo aquilo, um acidente ou um fenómeno natural ali mesmo na serra, mas a probabilidade de ser algo premeditado era cada vez maior. Um grupo de pessoas envolvidas nas gravações de um filme num hotel isolado reservado para tal? Num clima de tensão e guerra ao nível global, não era de admirar que tivesse sido um ataque de algum grupo terrorista. Acontecer no preciso momento em que Tadeu ganhara coragem para finalmente agir sobre os seus planos relativamente a ela? Típico. Sempre azarado.

Valentim e Antoinette já estavam no salão, o primeiro a servir-se de uma garrafa de whisky. A segunda estava a ajeitar o cabelo com a ajuda da câmara do smartphone, mas parou e guardou-o quando os viu chegar. Nenhum dos dois mostrava qualquer tipo de sinal do pânico ou medo demonstrados ao acordarem ali.

— Parece que não tiveram sorte.

Valentim recostou-se numa das poltronas com o copo na mão. Colocou as pesadas botas de militar na mesa de café e sorriu para os recém-chegados. Era aterradora a forma tão descontraída com que estava agora a lidar com tudo aquilo, especialmente porque era a figura com mais responsabilidade entre eles.

— Encontrámos duas pessoas nos quartos e outra no corredor, mas estavam inconscientes — relatou Tadeu. — Deitámo-las em camas para ficarem mais confortáveis.

— «Confortáveis»? Isto não é altura para pensar nos outros. Estão inconscientes, querem lá saber — desdenhou Valentim. Serena não conseguiu disfarçar o desagrado com a sua insensibilidade. — Pode ser que o guionista e os miúdos tenham tido mais sorte. Falando nos diabos...

Jonas descia as escadas com os gémeos à sua frente. Ângelo e Dante afastaram-se sem falar, contrariados. Tadeu conhecia bem esse tipo de comportamento juvenil. O seu olhar cruzou-se com o deles, mas não conseguiu ler o que se passava.

— Não encontrámos ninguém — explicou Jonas. — A maior parte deve estar lá fora no jardim ou junto das viaturas.

— Por falar nisso, temos de fazer alguma coisa em relação às pessoas que ficaram lá fora — voltou a advertir Serena.

Valentim não parou de sorrir, mas os olhos ganharam um brilho ameaçador.

— Como queres fazer isso? Estamos aqui trancados — recordou ele.

— Não sabemos quanto tempo isto vai durar. Aquelas pessoas estão em perigo. Podemos tentar arrombar as portas ou partir as janelas, tentar procurar ajuda.

— Ninguém vai sair — insistiu ele, veemente. — Não sei quem nos trancou no hotel, mas agora entendo que ainda bem que o fez. Cá dentro estamos seguros.

— Quem é que te tornou no nosso líder?

A irritação de Serena contagiou todo o salão, mas rapidamente arrefeceu quando Valentim se levantou devagar, parecendo um monstro, dado o seu tamanho em comparação ao dela.

— Não sou líder de ninguém. Apenas alguém que está a zelar pela vossa segurança. Sou o realizador do filme e estão aqui por minha causa. São minha responsabilidade.

Tadeu achou que algo na sua linguagem corporal e rosto tresandavam a mentira. Era muito fácil usar aquele tipo de argumento heroico só para ganhar o respeito de pessoas assustadas.

Mas, para Tadeu, Valentim tinha apenas o aspeto e a personalidade de um idiota autoritário. Talvez tivesse sido ele a trancá-los lá dentro por algum motivo que ainda não tinha descoberto.

— Isto é ridículo — rosnou Serena. — É um claro exemplo de abuso de poder. Caso não tenhas reparado, a situação é grave e já não estamos em gravações. Não tenho de aturar a tua suposta autoridade.

Serena atravessou o salão em direção às grandes portas numa tentativa vã de perceber se existia uma forma alternativa de as abrir. Antes que pudesse tocar nas maçanetas, Valentim avançou como um leão, levantando a mão para ela. No entanto, Tadeu foi mais veloz e conseguiu ir a tempo de agarrar no seu pulso para o impedir de agredir Serena.

— Sabes que isso pode ser visto como um ato de agressão. Nem imaginas a quantidade de advogados que consigo arranjar para te esmagar. Isto se não for eu a tratar de ti primeiro — ameaçou Valentim entre dentes.

Serena escapou dali, juntando-se aos apreensivos Jonas e Antoinette.

— Tenta e vê se me importo. Aqui és só um prisioneiro como nós — respondeu Tadeu com o olhar fixo no dele, sem pestanejar.

— O que estavas realmente a fazer aqui no hotel, Tadeu? — sussurrou ele de forma intimidante.

Tadeu não respondeu, mas soube, naquele momento, que Valentim estava a tomar como missão destruí-lo. Segundos depois, libertou-se com um safanão e regressou para a poltrona, enchendo o copo com whisky uma segunda vez.

— Acho que é boa altura para dizer que o hotel não foi apenas escolhido pelos seus traços arquitetónicos ideais para o ambiente sombrio do filme. Depois da remodelação, é como uma fortaleza. Nos dias de hoje, é importante manter pessoas indesejáveis longe daquelas que querem apenas relaxar e aproveitar a vida.

Podem tentar partir portas e janelas à vontade que não vão conseguir. Volto a reforçar: isto é bom para a nossa segurança. Não quero voltar lá para fora para ser atacado novamente por uma arma russa, árabe ou norte-coreana ou o raio que os parta, e ficar inconsciente como todos os outros. O melhor que temos a fazer é ficar quietos à espera das autoridades.

— E se algum desses terroristas quiser entrar? — perguntou Jonas de forma neutra.

— Fortaleza. Ninguém consegue sair, ninguém consegue entrar — respondeu Valentim, como se os outros fossem crianças.

Serena, Jonas e Tadeu entreolharam-se, partilhando a mesma preocupação. Já Antoinette parecia fascinada com aquela demonstração de poder.

De repente, a situação do súbito desmaio em massa já não parecia tão perturbadora, tendo em conta a prisão em que aquele hotel se tornara.

Uma voz na mente de Tadeu lembrou-o de que não tinha nada a perder. Surgiam novos objetivos, algo que julgara extinto dentro de si: descobrir o que se passava e ajudar aquelas pessoas a livrar-se daquele sacana. Só depois conseguiria regressar a ela.

*

Passaram quase todo o dia a carregar pessoas adormecidas para as camas nos quartos. Estavam exaustos, reféns do calor.

Enquanto deitava um homem num dos quartos com a ajuda de Jonas, Tadeu parou em frente a uma janela que dava para o jardim e piscina. Daquele ângulo, conseguiu contar pelo menos treze pessoas caídas pela relva. Mas sabia que havia outras mais noutros recantos. Nenhuma delas se mexia, como se estivessem mortas. Era certo que as noites estavam mais amenas, mas, depois de um dia inteiro ao sol de verão, quanto tempo iriam aguentar? O que viria primeiro? A desidratação ou a insolação?

Não resistiu em verificar a estrutura da janela, tal como, às escondidas de Valentim, já tinha feito às portas de saída do rés do chão: pelo menos, três, sem contar com a porta principal. Ele tinha razão. A forma como estavam construídas assemelhava-se mais a uma fortaleza do que a um simples hotel. Seria aquele edifício histórico algo mais? Um local para afastar pessoas indesejadas? Ou seria para as conter?

— As pessoas lá fora ainda vão sobreviver durante algum tempo, mas não muito. Isto se não acordarem entretanto, claro — explicou Jonas, encostado ao roupeiro.

— Neste momento, preocupa-me mais as pessoas que estão cá dentro.

— Quanto a isso, não podemos fazer nada para já. Mas, se a situação se prolongar, acabaremos por ter de tomar algum tipo de medida.

— Como assim?

— Nada muito drástico, apenas uma salvaguarda. Apesar de tudo, concordo com o Valentim quando diz que devemos aguardar por informações ou por ajuda, e que o facto de estarmos aqui fechados pode ser positivo. Não sabemos quem ou o que vamos encontrar lá fora.

Aquela sensatez fez com que Tadeu se sentisse um idiota por estar já a planear derrubar Valentim. Já nem se lembrava desse Tadeu que colocava a justiça e a luta pelos oprimidos acima de tudo.

— Qual é a história dos gémeos? Quase não dou por eles — mentiu.

— Fazem parte do elenco, duas personagens relacionadas com o lado mais sobrenatural da história. A empresa do pai é uma das grandes financiadoras da produtora.

— E por isso é que aqui estão, um capricho de meninos ricos...

— Não disse isso.

— E a mãe deles?

— Não sei. Para ser sincero, não me parece que a ideia de participar no filme tenha sido deles. Mas não posso presumir nada sem conhecer as suas vidas.

— É uma idade lixada. Provavelmente, foram empurrados pelos pais, para poderem viver as suas vidas sem o estorvo de dois pré-adolescentes — respondeu com um desdém que não escapou a Jonas.

— Confesso que me está a incomodar o isolamento deles. A tutora, inconsciente, os pais, incontactáveis.

— Falas como se não se fossem voltar a ver. Estamos aqui nós para os ajudar.

— Ainda não sabemos a extensão ou gravidade do incidente.

— Nem vamos saber por enquanto. Para já, vamos focar-nos no que estamos a fazer — pediu Tadeu, reconhecendo a sua própria hipocrisia.

— Sim. Tens razão.

Tadeu esperou que Jonas se sentisse impelido a falar de si, mas não aconteceu. Não insistiu, pois podia motivar perguntas do outro sobre a sua própria vida. Uma vida que não podia revelar. Porém, a sua curiosidade estava a borbulhar. O inquietante Jonas parecia transbordar de segredos.

Quando desceram, foram dar com os outros num assalto à cozinha. Tadeu nem se tinha apercebido da fome que tinha até ver toda aquela comida. Estava a anoitecer e continuavam sem eletricidade, pelo que recorreram a velas e lanternas para iluminar o restaurante. Cada um serviu-se do que quis e sentaram-se na mesma mesa. Apesar de desconhecidos e já com algumas antipatias, a verdade é que a sala do restaurante era tão grande e ostentosa, com grandes lustres e centros de mesa excêntricos, que se sentiam pequenos. E aquele pesado silêncio parecia afogá-los ali.

— Os gritos parecem ter parado — anunciou Antoinette.
— Se calhar, tudo se resolve mais depressa do que pensámos, não acham?

— Pode ser uma armadilha — respondeu Serena, desmotivando as esperanças da outra.

— Oiçam, sei que começámos mal. Não quero que me vejam como um idiota — disse Valentim de boca cheia. — A partir de certa altura, na minha área, ganhamos alguma frieza e descaramos as emoções dos outros. Para ser totalmente honesto, estou tão assustado como vocês.

— A não ser que tenhas sido tu o causador do som horrível, não há motivos para te sentires assim. Só estavas a fazer o que achavas melhor — tranquilizou-o Jonas.

— Ainda assim, admito que agi como um sacana. Peço desculpa por isso.

Jonas, Antoinette, Dante e Ângelo sentiram aquelas palavras como sinceras. Já Tadeu e Serena mantiveram as suas suspeitas.

— Não pareceste assim tão assustado quando avançaste sobre mim no salão — acusou Serena.

— Por isso é que estou a pedir desculpa. Esta impotência e ignorância afetaram-me.

— E não sabes mesmo o que é que se está a passar? — teimou ela.

— Não sei o que causou os ataques nem o motivo para termos acordado com as portas trancadas. Não tenho nada a esconder, nem de ti nem de ninguém. Coisa que não se pode dizer da maioria das pessoas desta mesa.

A acusação veio seguida de um momento de tensão. Ouvia-se apenas o mastigar daqueles que ainda tinham coragem para comer.

— Açam que se adormecermos esta noite voltamos a acordar? — perguntou Antoinette depois de todos terminarem.

— Estou exausto e preciso de dormir, mas admito que isso também me passou pela cabeça — admitiu Valentim.

— Não vai acontecer nada. O barulho afetou quem tinha de afetar.

Ouvir a voz de Dante foi estranho para todos, pois os gémeos tinham estado calados todo o dia.

— Não tens certeza disso, rapaz — interrompeu Valentim.

Como se de propósito, os gritos regressaram. No entanto, não foi necessário proteger os ouvidos, pois estavam abafados pelas paredes do hotel. Olharam todos pelas janelas, que davam para uma espetacular noite estrelada, como se houvesse qualquer coisa monstruosa lá fora a causar aquele barulho infernal, vindo das profundezas da serra e propagando-se pelo ar. Quando terminou, quase se conseguia ouvir o coração de cada um a bater com a força do terror.

Tadeu voltou a ouvir o sussurro. Era muito ténue e ainda impercetível, mas estava lá.

— Talvez seja melhor criarmos turnos de vigia — sugeriu Valentim.

No histórico e isolado Hotel Royal Enigma, o elenco e a equipa do filme de terror *Eco do Medo* enfrentam um verdadeiro pesadelo. Durante as gravações, um som ensurdecedor, semelhante a gritos, invade a serra onde estão e deixa todos inconscientes. Quando um pequeno grupo desperta, descobre que estão trancados no hotel, sem comunicações, sem eletricidade e rodeados por corpos adormecidos que não dão sinais de acordar.

Valentim, o realizador, Jonas, o guionista, Antoinette, uma das atrizes, Serena, a técnica de som, os gémeos Ângelo e Dante, e Tadeu, um desconhecido que não deveria estar lá, precisam de sobreviver não só ao isolamento, mas também ao mistério aterrador que os cerca.

Com os gritos a ecoarem ao longe e o medo de que algo ainda pior os espere lá fora, o grupo divide-se: alguns querem sair em busca de ajuda, outros preferem ficar, temendo os perigos invisíveis além das paredes. Mas, à medida que a paranoia cresce e os segredos são revelados, a verdadeira ameaça pode estar mais perto do que imaginam.

O Sono dos Culpados é um thriller psicológico de tirar o fôlego que explora os limites da confiança, o peso da culpa e o que acontece quando a escuridão dentro de nós é confrontada por um terror impossível de escapar.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-506-5



9 789895 835065